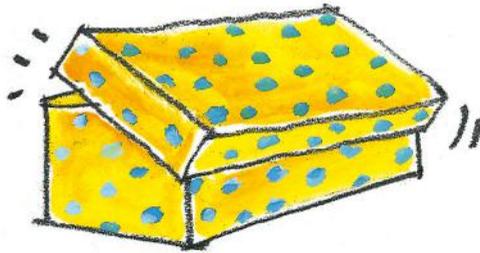


## Ovo de Avião



FICHA CATALOGRÁFICA

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Espeschit, Rita –  
Ovo de avião/ Rita Espeschit;  
ilustrações Mariângela Haddad. – 5. ed. –  
São Paulo: Saraiva, 2009.

ISBN 978-85-7208-595-3 (aluno)

1. Literatura infantojuvenil I. Haddad, Mariângela.  
II. Título.

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

## Ovo de Avião

Texto © 1997 RITA ESPESCHIT

Ilustrações © MARIÂNGELA HADDAD

---

Diretoria editorial

SONIA JUNQUEIRA

Editoria de arte

NORMA SOFIA

Assistência editorial

ANA ELISA RIBEIRO

JAKELINE LINS

LUCAS SANTOS JUNQUEIRA

Assistente de arte

CRISTIANE LINHARES

Editoração eletrônica

FABRÍCIO J. CARDOSO CUNHA

MARCONE M. LOPES LEMOS

Produção gráfica

PAULO ROBERTO DE AQUINO

---

Revisão: ELZIRA DIVINA PERPÉTUA

MARGARET PRESSER (Revisão Final)

---

Direitos reservados à

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 - Pinheiros

05425-902 - São Paulo - SP

Tel.: 4003-3061

[www.atiscapione.com.br](http://www.atiscapione.com.br)

[atendimento@atiscapione.com.br](mailto:atendimento@atiscapione.com.br)

CL: 810862

CAE: 576913

---

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem o  
consentimento por escrito da editora.

---

**Rita Espescht**

**Ovo de Avião**

**ilustrações**

**Mariângela Haddad**

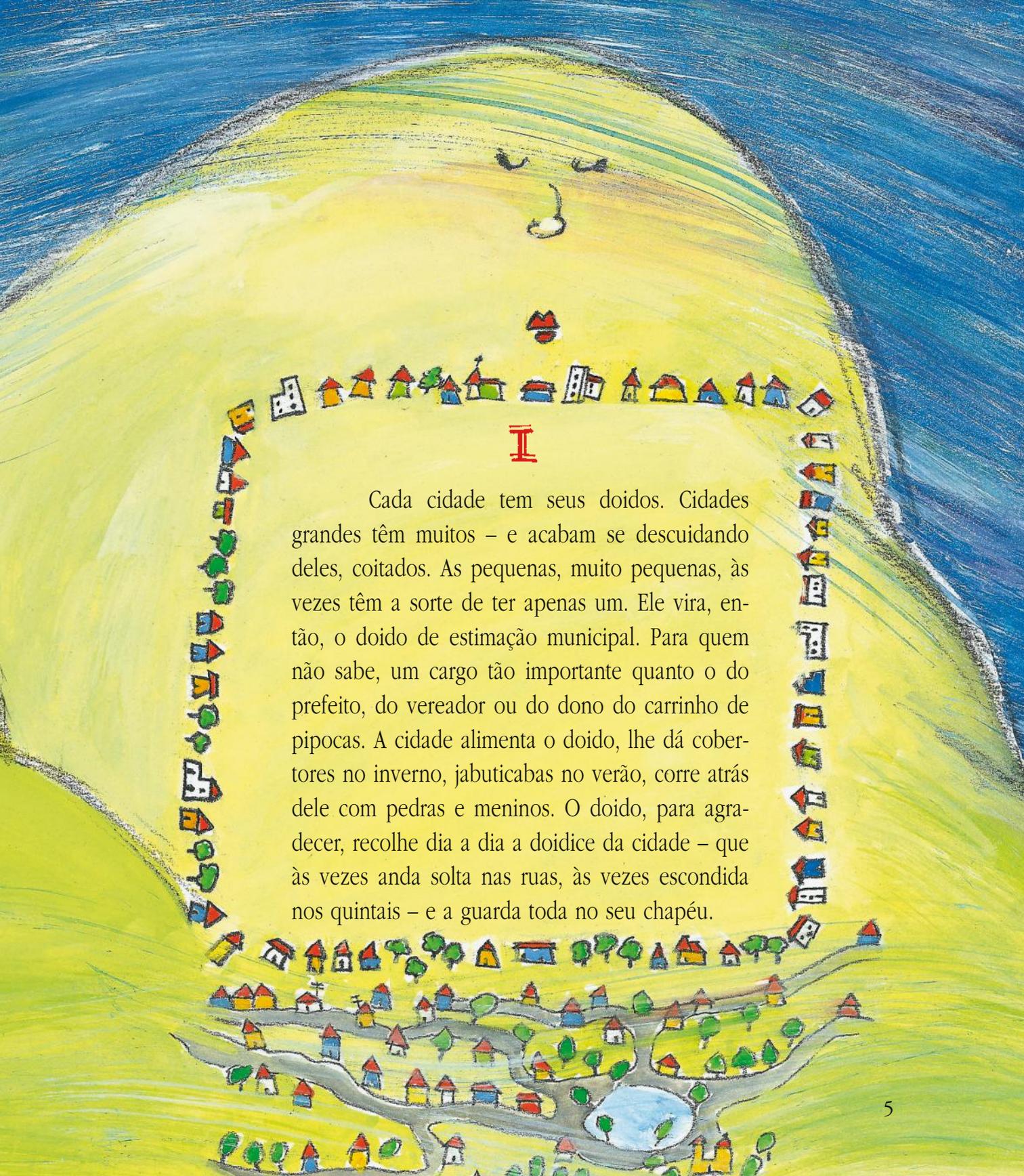
Finalista do Prêmio Minas de Cultura/93

•  
Primeiro lugar no Concurso Nacional  
de Histórias Infantis da Secretaria de Educação  
do Estado do Paraná/94

•  
Menção Honrosa no Prêmio Nacional  
de Literatura Cidade de Belo Horizonte/94

**Formeto**





## II

Cada cidade tem seus doidos. Cidades grandes têm muitos – e acabam se descuidando deles, coitados. As pequenas, muito pequenas, às vezes têm a sorte de ter apenas um. Ele vira, então, o doido de estimação municipal. Para quem não sabe, um cargo tão importante quanto o do prefeito, do vereador ou do dono do carrinho de pipocas. A cidade alimenta o doido, lhe dá cobertores no inverno, jabuticabas no verão, corre atrás dele com pedras e meninos. O doido, para agradecer, recolhe dia a dia a doidice da cidade – que às vezes anda solta nas ruas, às vezes escondida nos quintais – e a guarda toda no seu chapéu.



A cidade de Santa Maria do Morro Alto era um povoadozinho perdido no meio de duas montanhas que se recusavam terminantemente a receber estradas: os operários faziam as estradas de dia, as montanhas comiam todas de noite. O prefeito mandava colocar asfalto, pedregulho, calçamento, e nada: quando escurecia, podia-se ouvir na cidade inteira o barulho das montanhas mastigando com gosto todo aquele trabalho.

Os ouvidos mais sensíveis juravam escutar um estalar satisfeito de línguas montanhosas no fim da refeição, e meninos nojentos atormentavam as meninas falando dos arrotões que tinham escutado das montanhas na noite anterior. Ninguém saía, ninguém entrava na cidade sem estradas. Santa Maria era, então, uma ilha onde só se conhecia o mundo pela televisão.



Zé Nariz era o doido oficial de Santa Maria. A cidade, que andava com o posto de doido municipal vago havia muito tempo, suspirou aliviada quando ele apareceu um dia na praça principal, já doido maduro, entrou na igreja, badalou o sino e gritou do alto da torre para a pequena multidão reunida:

– Santa-marienses! Muito prazer, até logo e obrigado!

O povo aplaudiu, os meninos gritaram de felicidade e as beatas resmungaram algo sobre "sujar as escadarias da torre" ou coisa parecida. Quando o doido, ainda sem nome, passou meio desequilibrado pelo altar e caiu de nariz bem no meio da pia batismal, João Batista, o sacristão, gritou:

– Ê, Zé Nariz! Olhe onde pisa!

E ficou batizado assim o mais novo ocupante do cargo de doido de Santa Maria do Morro Alto.

